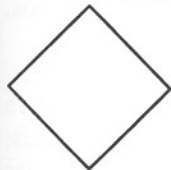


Da literatura tradicional angolana de transmissão oral, impressa em Português



Américo Oliveira

1. Introdução

Os brancos escrevem livros, nós escrevemos no peito.

(Provérbio ovimbundo)

J. F. Valente, 1964:101.

Faz parte a “literatura tradicional de transmissão oral” dum campo mais vasto que se convencionou apelar de “tradição oral” e que mais não é do que a “memória colectiva duma sociedade que não revestiu a forma escrita”¹. Abarcará a tradição oral, deste modo, um vasto domínio, também designado de folclore, que recobre áreas como os contos, provérbios, adivinhas, relatos históricos, canções, danças, teatro, farmacopeia, etc...

São vários os especialistas em tradição oral africana e cada um utiliza, habitualmente, uma tipologia específica.

Para Shorter², “o elenco de formas literárias orais africanas resume-se no seguinte:

- a) *fórmulas rituais*: orações, invocações, juramentos, bênçãos, maldições, fórmulas mágicas, títulos, divisas;
- b) *textos didácticos*: provérbios, adivinhas, fórmulas didácticas, cantos e poesias para crianças;
- c) *histórias etiológicas*: explicações populares do porquê das coisas, evolução das coisas até ao estado actual;
- d) *contos populares*: histórias só para divertir;

¹ COLLOQUE (1985:11).

² A. Shorter (1974:117), in R. Altuna (1985:37-38) [A alteração do negrito do texto para itálico, bem como a alineação, são da nossa responsabilidade].

- e) *mitos*: todas as fórmulas literárias que utilizam símbolos. Melhor, são mitos certas histórias transmissoras de tradições arcaicas, de tipo religioso ou cosmológico, relacionadas com Deus ou com a criação;
- f) *récitas*: heróico-épicas, didáticas, estéticas, pessoais, mitos etiológicos, memórias pessoais, migrações;
- g) *poesia variada*: amor, compaixão, caça, trabalho, prosperidade, oração;
- h) *poesia oficial*: (histórica), privada (religiosa, individual), comemorativa (panegírica); poesia culta, ligada às castas aristocráticas e senhoriais; poesia sagrada, cantada nos ritos religiosos e mágicos, em cerimónias de sociedades secretas, em ritos fúnebres, poesia que interpreta a filosofia e os mistérios da vida e da morte; poesia popular, cantada nos jogos à volta do fogo, transmissora de ensinamentos morais e históricos;
- i) *narrações históricas*: listas de pessoas e lugares, genealogias, histórias universais, locais e familiares, comentários jurídicos, explicativos, esporádicos, ocasionais”.

Vansina³ considera as seguintes “formas fundamentais das tradições orais”: 1. “poema” (“de forma estabelecida e conteúdo fixo”); 2. “fórmula” (“de forma livre e conteúdo fixo”); 3. “epopeia” [“de forma estabelecida e conteúdo livre (escolha de palavras)”]; 4. “narrativa” [“de forma livre e conteúdo livre (escolha de palavras)”].

Honorat Aguessy⁴ discrimina o campo da tradição oral em cinco sectores: 1. tradição oral; 2. toponímia e antroponímia; 3. arte e artesanato; 4. mitos e elementos culturais veiculados pelos relatos e rituais religiosos; 5. fitoterapia e psicoterapia, e, em sentido restrito, a farmacopeia.

A primeira tipologia classificativa da tradição oral angolana é de Mário Milheiros que a denomina “folclore”, subdividindo-o em “contos, fábulas e adivinhas; danças e festas; música, canções e instrumentos; contagens; jogos e entretenés; o tempo; fenómenos atmosféricos”.⁵

A mais completa tipologia da tradição oral angolana é-nos oferecida por José Redinha⁶ que, embora reconhecendo a inexistência de um inventário geral do folclore angolano, e a consequente dificuldade da “sua partilha por temas e classes”, divide-o nos seguintes «grupos e ciclos temáticos», de acordo com o Quadro n.º 1.

³ J. Vansina [1982 (vol. I):160]. Vide [*Idem*, 1966(?):156] uma “Tipología de las tradiciones orales”, mais completa, do mesmo autor.

⁴ H. Aguessy (1985:44-45).

⁵ M. Milheiros, 1967:79; 79-104.

⁶ J. Redinha (1975b):286-287).

Quadro n.º 1. FOLCLORE ANGOLANO (Grupos e Ciclos Temáticos)
(J. Redinha, 1975b):286-287)

Canções, Poemetos, Provérbios e Adivinhas
Mitos, Lendas e Contos
Magia, Religião, Feiticismo e Crenças
Música, Danças, Festas e Trajes
Tradições e Festejos Populares.

Procurando um esboço de ciclos temáticos, embora em Angola nenhum tema se apresente isolado, mas apenas predominante, sobre o fundo mais ou menos comum, podemos determinar, com a aproximação possível, ou indicar como posição numa área ainda a determinar, os seguintes ciclos:

- *Mitos de submersões, afogamentos ou micro-dilúvios (o Nordeste de Angola apresenta a zona mais importante deste mito)*
- *Contos de maquixes ou makichi [monstros] (para norte do Cuanza, entre Quimbundos e Congueses)*
- *Lendas anióticas⁷ (na região do Uíge e dos Dembos)*
- *Mitos de sirenídeos (na zona costeira desde Cabinda ao Rio Cuanza, com penetração para o distrito do Cuanza-Norte e outras regiões)*
- *Provérbios figurados (Cabinda).*
- *Mitos de torres, de andaimes sobrepostos e de outros processos para a escalada do céu - por vezes mesclados do mito de Babel (Moxico e Cuanza-Sul).⁸*
- *Canções clânicas (Sudoeste de Angola).*
- *Poesia pastoril (Sudoeste de Angola - região dos Ambós ou Ovambos).*
- *Contos de anões (Faixa norte de Angola - Cabinda, Zaire, Uíge, Malanje e Lunda).*
- *Lendas genesíacas (Norte e Leste, principalmente).*
- *Génios silvícolas (Nordeste da Lunda).*
- *Mitos de monstros aquáticos (Lunda e casos isolados como o do Cutato).*
- *Mitos de Ngola (do litoral de Luanda até Pungo Andongo).*
- *Lendas de tesouros (Sudoeste de Angola).*
- *Contos míticos (mágico-religiosos) da caça (Nordeste de Angola).*
- *Mitos de forjadores (Alto-Zambeze).*

⁷ “Anióticas, de *anioto*, nome nativo para os 'homens leopardos', na linguagem de Stanleyville” (J. Redinha, 1975:312, nota) [Nota da nossa responsabilidade].

⁸ “Este mito também se encontra na Lunda aludindo à conquista da lua” [Nota do autor].

2. A literatura tradicional angolana de transmissão oral, impressa em Português

Terem europeus inteligentes vivido [em Angola], durante quatrocentos anos, com a população nativa e nunca terem registado um único exemplo de literatura oral nativa não será isso prova bastante da inexistência desta? Assim parece. No entanto, logo que inteligente e persistentemente a procuramos, essa literatura revela-se-nos de uma forma exuberante. H. Chatelain, 1964⁹:98

Pertence a Héli Chatelain¹⁰ a primeira classificação da “literatura oral” angolana, *stricto sensu*, que divide em: provérbios ou adágios; contos ou apólogos. O mesmo autor acrescenta que se poderão “juntar”: as “tradições históricas e mytológicas”, os “ditos populares”, “ora satyricos ou allusivos, ora allegoricos ou figurados”; enigmas¹¹ ou cantigas. No respeitante à qualidade, Chatelain afirma que a “literatura oral angolana pode competir com qualquer outra”.¹²

*[...] litteratura oral [angolana] [...] puramente nacional [...] consta de um rico thesouro de proverbios ou adagios,¹³ de contos ou apologos¹⁴, de enigmas¹⁵ e de cantigas, aos quaes se podem juntar as tradições historicas¹⁶ e mythologicas, os ditos populares, ora satyricos ou allusivos¹⁷, ora allegoricos ou figurados¹⁸; em todos os quaes se condensou a experiencia dos seculos e ainda hoje se reflecte a vida moral, intellectual e imaginativa, domestica e politica das gerações passadas: a alma da raça inteira.*¹⁹

⁹ A edição original, em Quimbundo e Inglês, é datada de 1894.

¹⁰ Héli Chatelain, 1888-89:XVIII-XIX.

¹¹ “Os enigmas não contêm uma lição moral ou prática como os provérbios e muitas vezes os contos; servem unicamente de passa-tempo; porém mesmo assim teem valor porque elles tambem apresentam as particularidades syntaxicas e lexicologicas da lingua na sua forma mais genuina e espontanea.” (H. Chatelain, 1888-1889:XIX).

¹² “[...] esta litteratura hereditaria dos pretos que póde rivalisar com a de qualquer raça [...]” (H. Chatelain, 1888-1889:XVIII).

¹³ = *jisabu*, sing. *sabu* [Nota do autor].

¹⁴ = *misoso*, sing. *musoso* [Nota do autor].

¹⁵ = *jinongonongo*, sing. *nongonongo* [Nota do autor].

¹⁶ = *malunda* [Nota do autor].

¹⁷ = *jiselengenia* [Nota do autor].

¹⁸ = *ifikila* [Nota do autor].

¹⁹ *Idem, ibidem*:XVIII [Intercalado da nossa responsabilidade].

Carlos Estermann²⁰, ao estudar a literatura dos Povos do Sudoeste de Angola (Ambós, Nhanecas-Humbes e Hereros), classifica-a nos seguintes “gêneros literários”:

1. Contos (“trechos” em prosa).
2. Provérbios e adivinhas (“constituem um gênero intermediário entre a prosa e a poesia”²¹).
3. Poemetos (“propriamente ditos, que exigem quase sempre acompanhamento melodioso vocal”²²).
4. Cantos (“poemetos cantados”).

Segundo o mesmo autor,²³ no Grupo Etnolinguístico Nhaneca-Humbe, torna-se muito difícil distinguir entre um provérbio e uma adivinha composta (as simples são raras), só sendo possível fazê-lo através da existência da pergunta e resposta, nas adivinhas; nestas, a “inspiração é menos poética do que nos provérbios propriamente ditos”.²⁴ Estes povos, com exceção dos Humbes, consideram-nas contos “mais resumidos”. Os modos de enunciação não diferem muito dos povos Ambós. O proponente diz: “Tira-o”; respondem-lhe: “Que venha o tal enigma”; e se ninguém souber responder, dir-se-á: “Não compreendo, estou vencido.”²⁵ Segundo Carlos Estermann, “[...] tirar adivinhas’ é antes um jogo de mnemotécnica do que um exercício para aguçar a inteligência”,²⁶ visto que, embora “[...] a resposta à pergunta [...] comporte qualquer correlação de uma com a outra, os termos de comparação parecem bastante afastados”.²⁷

No Grupo Etnolinguístico Herero, ainda de acordo com Carlos Estermann,²⁸ existem adivinhas simples e compostas, aquelas uma “sorte de charadas e nestas umas comparações em jeito de provérbio, tanto na proposição como na resposta”.²⁹ O processo de enunciação é o seguinte: “A (adivinhezinha) daqui, esta!”; se o interpelado não sabe responder, dirá: “Não compreendo”.³⁰

²⁰ C. Estermann, 1960b):207.

²¹ *Idem, ibidem*:207.

²² *Idem, ibidem*:207.

²³ *Idem, ibidem*:220.

²⁴ *Idem, ibidem*:220.

²⁵ *Idem, ibidem*:220. A. Joaquim da Silva (1966:200-201), em relação ao mesmo grupo etnolinguístico (Nhaneca-Humbe), menciona a seguinte maneira de propor adivinhas: o proponente diz: “Adivinha”; respondem-lhe os interlocutores: “Venha ela” (a adivinha). Se ninguém consegue decifrá-la, a resposta é: “Estou embaraçado” ou “Não compreendo”.

²⁶ C. Estermann, 1960b):200.

²⁷ C. Estermann, 1960b):220.

²⁸ C. Estermann, 1961:181.

²⁹ *Idem, ibidem*:181.

³⁰ *Idem, ibidem*:180.

Carlos Estermann distingue na literatura de tradição oral angolana dos Povos Bantos do Sul, “*grosso modo*, quatro gêneros literários [...]: contos, canções, provérbios e adivinhas. Todos eles desenvolvem bastante a memória. Os contos exigem, além disso, qualidades de imaginação e, na sua aplicação, também de raciocínio. Este chega a ser sagacidade, nos provérbios e num certo número de adivinhas. O talento de improvisação pode mais facilmente dar largas nas canções, onde são sempre muito apreciadas novas invenções.”³¹ As adivinhas dividem-se em simples, (“assemelham-se mais às adivinhas ou charadas europeias. Dão-se na pergunta uns pontos de comparação que devem sugerir a resposta certa”³²) e compostas (“aquelas em que a resposta não é uma simples palavra, mas uma ideia um tanto desenvolvida.”³³). A maioria das adivinhas compostas funcionam, nos Ambós, como “verdadeiras sentenças proverbiais, postas em forma de adivinhas. O emprego da metáfora dá-lhes facilmente uma certa feição poética, que é mais pronunciada que nos provérbios”.³⁴ À letra, adivinha (*onambulamo*), em Língua Cuanhama (Grupo Etnolinguístico Ambó), significa “o que é apanhado de dentro”, porque quem toma a iniciativa diz: “Tomai (de dentro)”, e quem responde diz: “Dá cá”. Se ninguém sabe a resposta, dirão: “Fomos denunciados”, isto é, “está patente a nossa ignorância”.³⁵

Os provérbios “constituem o sal da conversa”³⁶ e uma prova de sagacidade: um “tolo não sabe empregar provérbios”.³⁷ O seu uso, pelo menos entre os Cuanhamas, anda ligado à “ideia de lançar piada e mesmo ferir”.³⁸

Carlos Estermann³⁹ distribui os cantos de acordo com a seguinte classificação: épica, lírica e dramática⁴⁰. Se entre os Cuanhamas (Grupo Ambó) a produção dramática é embrionária, a épica e a lírica têm correspondência nas “canções laudatórias dos clãs” e nas “meloceias pastoris”⁴¹. Entre os Nhanecas-Umbes, nos “poemetos cantados”, predomina o “gênero satírico, destinado a

³¹ C. Estermann [1983 (I vol.):399].

³² C. Estermann, 1960a:212.

³³ *Idem, ibidem*:213.

³⁴ C. Estermann, 1960a:213.

³⁵ *Idem, ibidem*:213.

³⁶ *Idem, ibidem*:210.

³⁷ *Idem, ibidem*:211.

³⁸ *Idem, ibidem*:211. Entre os Nhaneca-Humbes, diz-se: “As piadas insolentes por meio de rifões são graves; os provérbios provocantes fazem zangar” (provérbio nhaneca-humbe, in A. J. da Silva, 1989:292).

³⁹ C. Estermann, 1960a:218.

⁴⁰ “Creio que não se pode contestar a existência *in ovo* destes três gêneros, que correspondem talvez a uma disposição psíquica comum ao espírito humano” (C. Estermann, 1960a:218).

⁴¹ *Idem, ibidem*:218.

ironizar defeitos e faltas de determinadas pessoas”,⁴² andando a “improvisação” a par de “versos estereotipados”.⁴³ Nos Hereros, entre cantos vários, alguns “cheios de ironia cáustica”,⁴⁴ aparecem, também, os bucólicos.

José Martins Vaz recolhe a “filosofia tradicional dos Cabindas através dos seus testos de panela, provérbios, adivinhas e fábulas”.⁴⁵ Considera o mesmo autor que os testos de panela, de barro ou madeira são “cartas”, “bilhetes esculpidos”, portadores de mensagens traduzíveis em provérbios de difícil interpretação, porque, segundo Carlos Estermann,⁴⁶ “para tirar um sentido das figuras esculpidas nos 'testos falantes', é necessário proceder com muita arte e grande sabedoria, e conhecer perfeitamente a relação existente entre as figuras e os provérbios, dos quais o povo, em estudo, possui um tesouro muito variado”. José Martins Vaz afirma que, quando chegou ao distrito de Cabinda, em 1948, nos pleitos, “a conversa, a argumentação, a sentença são à base de provérbios [...] as crianças cantavam, dançavam e [...] despicavam-se no desvendar de adivinhas [...] os adultos tomavam parte na narração cantante e animada nas fábulas.”⁴⁷

Dentre os Povos não-Bantos, o único estudo da respectiva literatura oral a que tivemos acesso foi o de Viegas Guerreiro, com a obra *Os Bochimanes (!Khũ) de Angola* (1968). “Recolha magra, sem dúvida, mas ainda assim significativa”,⁴⁸ de que o autor refere algumas narrativas.⁴⁹

No Grupo Vátua (Pré-Banto), tivemos acesso a um diminuto número de espécimes: uma prece e uma narrativa.⁵⁰

O maior colector de “literatura tradicional angolana” é, sem dúvida, Óscar Ribas. Debruçando-se sobre a área dos Ambundos (Língua Quimbunda e

⁴² C. Estermann, 1960b):225.

⁴³ *Idem, ibidem*:226.

⁴⁴ C. Estermann, 1961:189.

⁴⁵ J. Martins Vaz, 1969, 1970, vol. I e II, respect. A citação, entre parênteses, corresponde ao título da obra.

⁴⁶ C. Estermann, “Prefácio”, in J. Martins Vaz, 1969 (I vol.):12.

⁴⁷ J. Martins Vaz, 1969 (I vol.):9.

⁴⁸ M. Viegas Guerreiro, 1968:327.

⁴⁹ M. Viegas Guerreiro (1966:39-67), no estudo efectuado sobre os Macondes de Moçambique, divide a sua “literatura oral” em: “contos”, “adivinhas”, “ditos sentenciosos”. Os “jogos, brinquedos e outras diversões”, aparecem em capítulo à parte (pp. 69-103), sendo “as vozes de animais” (pp. 303-311), que constituem a XVII divisão dos “contos”, inseridas nos mesmos, porque, de facto, são “diálogos” em texto narrativo. O mesmo acontece com os “cantos” que não têm existência fora dos “contos”, não intitulando, por isso, qualquer capítulo. Mais tarde (1981:177), divide os géneros da “literatura oral de 'primitivos' e 'civilizados', géneros que considera idênticos, em: “mitos e lendas, relatos de acontecimentos, contos e fábulas, provérbios, adivinhas, poesias.”

⁵⁰ C. Estermann, 1960a):58 e 1983 (II vol.):287-289.

Portuguesa), mais especificamente a zona de Luanda⁵¹ e periferia, Óscar Ribas reparte e classifica esse enorme acervo em várias obras: no *Missosso I* (*Misoso*⁵²) [1979 (1961, 1.ª ed.)]: contos e provérbios; no *Missosso II* (1962): psicologia dos nomes, culinária e bebidas, desdêns (*isemu*), passatempos infantis, vozes de animais e epistolário; no *Missosso III* (1964b): canções, adivinhas, súplicas e exorcismos, prantos por morte, instantâneos da vida negra.

Segundo Óscar Ribas,⁵³ a assistência participa nos contos através de “cantorias” (“ordinariamente, o canto entra nessas narrações”) e da dança (“dança o contador, dança o ouvinte”). O início e o desfecho dos contos são assinalados por frases de abertura (“Dêem-na”, diz o contador, e a assembleia responde: “Venha ela”) e de encerramento (“Já expus a minha historiazinha. Se é bonita, se é feia, vocês é que sabem”; mas se a história é pequena, a fórmula é: “Uma criança não põe uma história comprida, senão nasce-lhe o rabo”). Os contos não se narram de dia, porque, ao fazê-lo, o contador arrisca-se à sorte da criança atrás referida. A ocasião mais propícia para os contar é “ao serão, ao luar ou em redor de uma fogueira [...] de dia prejudicaria o trabalho”, e tem o seu ponto mais alto nas “reuniões de óbito”, onde há muitas para os ouvintes que se riam ou converssem (“cochilem”), revertendo as mesmas para o contador.⁵⁴

Nos provérbios, engloba Óscar Ribas⁵⁵ os “provérbios propriamente ditos, os adágios, os rifões e demais afins”, afirmando que, “na vida prática, só os adultos, em regra as mulheres idosas, ilustram os seus juízos com provérbios” que “estão perdendo vitalidade”.

No domínio da adivinha, considera Ribas⁵⁶ que esta compreende “não apenas a produção estruturalmente enigmática, mas também o adágio, argutamente repartido em pergunta e resposta”. A adivinha “anda, segundo o mesmo autor, ligada ao conto”. Dividem-se as mesmas em “abertas” (a propriamente dita [...] evidente em sua compreensão”) e “fechadas” (“pela elipse de ideia, verdadeiramente enigmática”, a cuja pergunta sempre idêntica corresponde uma “resposta indeterminada, aparentemente sem uma relação de sentido”, mas exigindo grande prontidão de resposta). Como os contos, também, as adivinhas têm as suas fórmulas de abertura: o narrador anuncia: “Minhas

⁵¹ A zona dos “Luandas”, no dizer de José Redinha (1975a):8, nota), ou a “ilha crioula”, atributo que Mário António outorgou a Luanda, na sua obra *Luanda “ilha” crioula* (1968).

⁵² O. Ribas [1979: “Antes de começar” (não paginado)] atribui à designação de *Misoso* o significado de histórias e, por extensão, o de “variada matéria”.

De facto, história, em Quimbundo, diz-se *musoso* (pl. *misoso*) (António da S. Maia, 1964:337).

⁵³ O. Ribas, [1979 (“Introdução”):27-28].

⁵⁴ *Idem, ibidem*, (“Introdução”):27-28. As transcrições, entre aspas, de todo o parágrafo, *supra*, estão contidas na mesma obra e nas páginas citadas.

⁵⁵ O. Ribas, 1979:131-132.

⁵⁶ O. Ribas, 1964a):149-152.

adivinhas!” e a assembleia responde: “Volteia!”. Se ninguém acerta, um deles dirá: “Dei-te um soba!”, ao que o proponente responde, rejeitando o atributo: “O soba, amarrei-o e manietei-o [...] um copo para mim, um copo para ti”,⁵⁷ sendo esta a multa aplicada. Alternam, à vez, as adivinhas “abertas” com as “fechadas”, sendo estas normalmente acompanhadas de “um gesto da mão direita, accionada em concha, numa curvatura da direita para a esquerda”.⁵⁸

As “súplicas e exorcismos” (estes últimos destinados a afastar o “indício de qualquer mal”, as primeiras a “suplicar tudo aquilo de que se necessita”) têm sempre como destinatário Deus, sendo a mulher o principal sujeito-emissor, e manifestando-se, geralmente, em voz alta. As suas fórmulas que admitem variações, aprendidas de ouvido ou propositadamente, são mantidas pela tradição, assumindo algumas variações, sem perder o sentido profundo.⁵⁹

Os “prantos por morte”, “ditame da tradição”, esquecidos pelas novas gerações, são constituídos por “dizeres especiais”, em “nota cantante”, em “vibrante combinação, adágios, lamentações, súplicas. “Só pela manhãzinha e ao anoitecer se pranteia. Sempre alto, sem entrave de restrições.”⁶⁰

São os “instantâneos da vida negra” episódios da vida, alguns de “sabor anedótico.”⁶¹

Os nomes próprios, segundo Óscar Ribas,⁶² “obedecem a circunstâncias de nascimento” e são constituídos por sete categorias: “nomes de guias tutelares e de génios” (aquando do nascimento sob o signo dos mesmos); “nomes de existência duvidosa” (o sobrevivente de primeiros irmãos nado-mortos, ou falecidos de pouca idade); “nomes de *calundus*” (“espíritos influenciadores da gestação/nascimento”); “nomes de deduções” (nascimento ligado a facto importante); “nomes de piadas” (“mormente adágios – eram dados aos escravos pelas amas, no intuito de alvejarem rivais ou inimigas”⁶³); “nomes de inclinação” (de parentes, também aplicados aos filhos); “nomes portugueses” (adaptados à Língua Quimbunda).

O domínio dos nomes só, *a fortiori*, poderá ser considerado “literatura tradicional”, com excepção dos “nomes de piadas”⁶⁴ (autênticos ditos/provérbios subentendidos); o mesmo deverá afirmar-se da “culinária e bebidas”,

⁵⁷ O. Ribas, 1964a):149-150. Vide esquema similar, só parcialmente traduzido, in H. Chatelain, 1888/ /89:146.

⁵⁸ O. Ribas, 1964a):151.

⁵⁹ O. Ribas, 1964a):205-206.

⁶⁰ *Idem, ibidem*:225-226.

⁶¹ *Idem, ibidem*:239.

⁶² O. Ribas, 1962:29-30.

⁶³ *Idem, ibidem*:30.

⁶⁴ *Idem, ibidem*:81-82.

capítulo constituído por “receitas culinárias” com a explicação, em Português, das designações quimbundas.

Os “desdéns” (“expressões comparativas de desdém”) são textos de zombaria que apelidámos de motejos, destinados a repreender, chalacear, escarnecer, especialmente em “rixas, nomeadamente de ciúmes”. Também, neste domínio, existem especialistas.⁶⁵

Os “passatempos infantis” tipicamente africanos estão a ser substituídos, segundo Óscar Ribas,⁶⁶ por passatempos portugueses e em Língua Portuguesa, embora mantendo a mesma “movimentação, o revezamento de eleição, o ritmo”. A tradução não deixa de empobrecer, se é que não altera, o sentido do “jogo das palavras”.

São as “vozes dos animais” constituídas por “expressões onomatopáicas, a linguagem de certos animais, principalmente aves”.⁶⁷

O “epistolário”, que Óscar Ribas⁶⁸ considera uma “espécie” de “literatura tradicional angolana”, não deveria, propriamente, ser inserido na literatura oral, apesar de detentor das marcas: “popular” e “tradicional” que não “ord”.

Uma das últimas classificações da “literatura de tradição oral” angolana a que tivemos acesso foi a de António Fonseca,⁶⁹ respeitante à literatura tradicional conguesa (“*Kikongo*”) que o autor distribui por nove “géneros”:

1. Os provérbios (*ingana*) (“nos quais estão condensadas todas as normas de conduta social”⁷⁰).
2. As “histórias de ficção, inclusive as fábulas, e que têm como objectivo a extrapolação da moral social para além do recreio (*insinsi, nsonsa, insamuna ou savu*)”.⁷¹
3. As “histórias consideradas verdadeiras (*ki mona mesu*), mas nelas, de uma maneira geral, ultrapassam-se as leis da natureza e atinge-se o maravilhoso. Nestas histórias são patentes as relações entre vivos e mortos e as práticas fetichistas.”⁷²
4. As adivinhas (*ingunga*) (“o seu objectivo é a distração e o desenvolvimento do raciocínio dos mais novos. Iniciam-se sempre com uma fórmula especial.”⁷³).

⁶⁵ O. Ribas, 1962:107-108.

⁶⁶ *Idem, ibidem*:241.

⁶⁷ *Idem, ibidem*:241.

⁶⁸ *Idem, ibidem*:262-298.

⁶⁹ A. Fonseca, 1984:85-87. [A arrumação dos “géneros literários” é da nossa responsabilidade].

⁷⁰ *Idem, ibidem*:85.

⁷¹ *Idem, ibidem*:85.

⁷² A. Fonseca, 1984:86.

⁷³ *Idem, ibidem*:86.

5. As canções (*nkunga* ou *mbembu*).
6. Textos de “transmissão de uma notícia, um recado ou um convite, assumindo, às vezes, a forma de uma pequena fábula cantada.”⁷⁴ (*nsamu*)
7. Jogos e brincadeiras infantis (*kimpanga*);
8. Narrativas de genealogia (*nvila*) (feitas pelos mais velhos [...] nunca na presença de estranhos ou miúdos”);⁷⁵
9. Textos constituídos por uma “amalgama de diversos géneros” (*mambu*) (“resolução de qualquer problema da vida social, um acto de casamento ou um rito qualquer”).⁷⁶

A mais recente classificação, compulsada, foi a tipologia dos “textos orais kóôngò” (Grupo Etnolinguístico Conguês) de Zavoni Ntongo:⁷⁷ adivinhas, provérbios, contos, narrativas históricas, mitos.

2.1. A classificação da narrativa tradicional angolana de transmissão oral

Se o conto popular tirado do seu ambiente natural, que é o de ser contado e ouvido, perde muito da sua espontaneidade e frescura, isto é duplamente verdade quando se trata do conto africano.[...] Para narrar um conto, destaca-se um indivíduo que, em geral, fala em pé. Pouco a pouco ele vai-se animando, modula a voz segundo os vários actores que intervêm na recitação, intercala interjeições, ora lamentosas ora explosivamente admirativas. Gesticula, não só com os braços, mas, conforme as exigências da narrativa, com o corpo todo. O auditório toma parte activa, estando às vezes como electrizado. Manifesta de onde a onde ruidosamente aprovação ou desaprovação, sublinha as partes hilariantes com risos estrepitosos e reage entendidamente às frases sarcásticas.

Thissen, referindo-se às adivinhas, “muito em voga” entre os “Basuku” (Sucos do Grupo Etnolinguístico Conguês), escreve: “Grande parte dos cânticos improvisados durante os batuques intermináveis, consiste em adivinhas. Compreende-se que, com o meio em que são proferidas, também varia o assunto em volta do qual se arquitectam as adivinhas. Num grupo de crianças serão quase adivinhas inocentes, referentes aos acontecimentos e aos objectos da vida quotidiana; numa reunião de adultos predominam as ‘coisas da vida’ que, conforme às circunstâncias, se podem designar por sérias, escabrosas, até francamente indecentes.” (L. Thissen, 1960:182). [Nota da nossa responsabilidade. Elidimos a paragrafação].

⁷⁴ A. Fonseca, 1984:86-87.

⁷⁵ *Idem, ibidem*:87.

⁷⁶ *Idem, ibidem*:87.

⁷⁷ Zavoni Ntongo, 1989:38-44.

Pobre narrativa que, para poder ser escrita, tem de despir-se de toda esta roupagem! E não falamos nas mutilações a que fica sujeita pelos tradutores que, por mais competentes que possam ser, nunca poderão verter exactamente o sentido de dizeres pertencentes a idiomas de génio tão diferente. Ainda assim – é bom mencioná-lo neste lugar – não é o conto que mais dificuldades oferece ao tradutor, mas antes as adivinhas, os provérbios e os poemas.

C. Estermann (1983, vol. II:283-284)

No domínio da narrativa propriamente dita, os autores e compiladores da literatura de tradição oral africana, nomeadamente angolana, diferem, também, na classificação tipológica respectiva.

Héli Chatelain,⁷⁸ autor da primeira colectânea (bilíngue) de contos angolanos (1894), apresenta a seguinte classificação da “ficção” angolana:

1. Histórias tradicionais de ficção: *mi-soso*.
2. Histórias verdadeiras, ou melhor, reputadas verdadeiras: *maka*.
3. Narrativas históricas: *malunda* ou *mini-sendu*.

Carlos Lopes Cardoso⁷⁹ divide o conto popular angolano nas categorias de:

1. “Contos de animais”.
2. “Estórias”.
3. “Lendas”.

Carlos Estermann,⁸⁰ ao estudar a literatura oral dos Povos do Sudoeste de Angola (Nhanecas-Humbes, Hereros e Ambós), subdivide o “conto ou narrativa fabulística” angolanos em quatro classes:

1. “o conto *animalesco*”⁸¹ cujos protagonistas são animais”;
2. “aquele em que os papéis mais importantes são representados por *monstros antropófagos*”;
- 3 “a narrativa, que contém episódios mais ou menos fantasiados da vida quotidiana é a que Lopes Cardoso chama *estória*”;
- 4 “e, finalmente, uma quarta categoria, em que entram *elementos mitológicos*”.

⁷⁸ H. Chatelain, 1964:101-102. A edição original, em Quimbundo e Inglês, é datada de 1894.

⁷⁹ C. L. Cardoso, 1960:20.

⁸⁰ C. Estermann, 1983 (II vol.):262-263. Anteriormente (1960b:207), em relação ao Grupo Nhaneca-Humbe, o autor divide o conto em três categorias: 1. “O conto cujos figurantes são animais”; 2. “Aqueles que têm como protagonistas monstros antropófagos ou outros seres monstruosos”; 3. A narrativa que contém elementos míticos”.

⁸¹ “Animalisco”, no original.

Viegas Guerreiro,⁸² na obra *Os Bochimanes (!Khũ) de Angola* (1968) agrupa as respectivas narrativas em “mitos, lenda, contos de animais e de pessoas e animais”.

Adriano C. Barbosa,⁸³ em *Cinquenta Contos Quiocos*, e João Vicente Martins,⁸⁴ em *Contos dos Quiocos*, não adoptam qualquer ordenação taxinómica.

Carlos Estermann & António Joaquim da Silva⁸⁵ ordenam os *Cinquenta Contos Bantos do Sudoeste de Angola* nas seguintes classes:

1. Contos de animais.
2. Contos em que intervêm monstros antropófagos.
3. “Estórias da vida quotidiana”.
4. Contos contendo elementos de magia.
5. Contos que encerram elementos mitológicos.

José Francisco Valente⁸⁶ divide o seu “fabulário” angolano (ovimbundo) de acordo com o tipo de protagonistas:

1. Animais.
2. Aves.
3. Lobisomem (“em bundo, *kisi-kisi* ou *embelenje*, não podia faltar, que é um mito universal. O Bundo vê, no lobisomem, a encarnação dum espírito em ser humano, um pouco correspondente às almas do outro mundo, e ao papão ou à coca”),⁸⁷
4. Personagens do ambiente ou da vida tribal.

Óscar Ribas⁸⁸ divide os contos angolanos em:

1. Fábulas (em que “os animais procedem como gente”).
2. Contos de fantasia (em que “entram os mais variados figurantes: homens, animais, sereias e monstros [...] seres metamorfoseados ou encantados [...] a varinha de condão é o *calubungo*”).

Hauenstein⁸⁹ utiliza a seguinte classificação para a narrativa angolana (Grupos Etnolinguísticos: Lunda-Quico, predominante, Nhaneca-Humbe e Ovimbundo): 1. mitos; 2. “fábulas explicando a origem das mudanças surgidas na vida social dos animais; 3. fábulas de ogros e gigantes; 4. fábulas de seres

⁸² V. Guerreiro, 1968:329.

⁸³ A. C. Barbosa, 1973. Vide, *infra*, a classificação de 1990 deste colector.

⁸⁴ J. V. Martins, 1971.

⁸⁵ C. Estermann & A. J. Silva, 1971:3-6.

⁸⁶ J. F. Valente, 1973:XIV-XVI.

⁸⁷ *Idem, ibidem*:XVI.

⁸⁸ O. Ribas (1979, “Introdução”, p. 27).

⁸⁹ Hauenstein (1976:291-294).

extraordinários; 5. contos e fábulas da tartaruga; 6. contos e fábulas da lebre; 7. fábulas de carácter educativo; 8. fábulas ligadas a feitiçaria e a espíritos; 9. fábulas e contos diversos; 10. poemas-fábulas.⁹⁰

António Fonseca⁹¹ apresenta a seguinte classificação da narrativa conguesa (“*Kikongo*”):

1. As “histórias de ficção, inclusive as fábulas, e que têm como objectivo a extrapolação da moral social para além do recreio” (*insinsi, nsonsa, insamuna* ou *savu*);⁹²
2. As “histórias consideradas verdadeiras (*ki mona mesu*), mas nelas, de uma maneira geral, ultrapassam-se as leis da natureza e atinge-se o maravilhoso. Nestas histórias são patentes as relações entre vivos e mortos e as práticas fetichistas.”;⁹³
3. Textos de “transmissão de uma notícia, um recado ou um convite, assumindo, às vezes, a forma de uma pequena fábula cantada.”;⁹⁴ (*nsamu*)
4. Narrativas de genealogia (*nvila*) (“feitas pelos mais velhos [...] nunca na presença de estranhos ou miúdos”);⁹⁵

José Samuila Cacueji, em *Viximo II*,⁹⁶ não procede a qualquer tipo de classificação. Porém, em *Viximo*,⁹⁷ afirma que os contos da tradição oral (“oratura”) luvale (Grupo Etnolinguístico Ganguela) deverão ser classificados em dois grupos:

1. “Os contos restritos, do círculo mulhêr, de recitação cantante exclusivamente nocturna”.
2. “Os contos relatados pelos homens, mesmo durante o dia”.

Zavoni Ntongo⁹⁸ apresenta uma “tipologia dos textos orais kóôngò” (Grupo Etnolinguístico Conguês): “provérbios”, “adivinhas”, “conto”, “narrativas históricas” e “mitos”.

Adriano Barbosa⁹⁹ em *Angola Imagens e Mensagens Contos Tradicionais* (1990), adopta a seguinte classificação, no índice, sem qualquer comentário:

⁹⁰ A tradução é da nossa responsabilidade.

⁹¹ A. Fonseca, 1984:85-87. [Adaptação da nossa responsabilidade].

⁹² A. Fonseca, 1984:85.

⁹³ *Idem, ibidem*:86.

⁹⁴ *Idem, ibidem*:86-87.

⁹⁵ *Idem, ibidem*:87.

⁹⁶ J. S. Kakueji (1989).

⁹⁷ J. S. Cacueji, 1987:10.

⁹⁸ Zavoni Ntongo, 1989:38-44.

⁹⁹ A. Barbosa, 1990:707-714.

1. Contos mitológicos ou relacionados com a mitologia.
2. Contos relacionados com fantasmas e monstros.
3. Contos relacionados com a magia.
4. Contos relacionados com provérbios.
5. Contos etiológicos.
6. Contos onomatopaicos.
7. Contos diversos (de protagonistas: “só pessoas”; “pessoas e animais”; “só animais”; “coisas”).

Se as tipologias das narrativas angolanas, orais e tradicionais, variam de especialista para especialista, o mesmo poderá verificar-se, em relação a essas formas de texto, em alguns países de língua oficial portuguesa, como Moçambique e Guiné-Bissau, por exemplo:

Henri-Alexandre Junod¹⁰⁰ divide em cinco os géneros dos contos «rongas»:

1. Contos de animais (“de longe a parte mais original e preciosa do folclore ronga”).
2. Contos de seres humanos (“intitulámos essas histórias Sabedoria dos Pequenos”).
3. Histórias de papões (“tão apreciadas pelas crianças, [...] ao ouvi-las, sentimos renovadas as sensações de delicioso terror que outrora experimentámos ao ouvir relatados os horríveis feitos de Barba-Azul”).
4. Contos morais (“histórias das quais se extrai obviamente determinada lição”).
5. Contos estrangeiros (“parecem ter sido compostos sob influência quer dos Negros de outras tribos quer de Indianos e Árabes, numerosos na região, quer ainda dos Portugueses”):

Manuel Viegas Guerreiro distribui as “narrativas” macondes¹⁰¹ em: contos, fábulas e mitos. Em “Novos Contos Macondes”¹⁰² ordena-as por:

1. “Família e Sociedade”.
2. “Contos Etiológicos”.

Lourenço Rosário¹⁰³ dispõe as narrativas moçambicanas de acordo com quatro indicadores de carácter temático:

1. Narrativas de animais pequenos.
2. Narrativas de seres humanos em situação difícil.
3. Narrativas de monstros comedores de gente.

¹⁰⁰ H. Junod, 1975:46-47. [Adaptação da nossa responsabilidade].

¹⁰¹ M. V. Guerreiro, 1966:52.

¹⁰² *Idem*, 1974:13, 55.

¹⁰³ Lourenço J. C. Rosário, 1989:107.

4. Narrativas de costumes.

Benjamim Pinto Bull¹⁰⁴ adota uma “classificação pessoal para as stória” crioulas da Guiné-Bissau, partindo dos relacionamentos existentes entre as diferentes personagens:

1. Deus e os animais.
2. Os homens e os animais.
3. Os animais entre si.

3. Historial da edição do acervo da literatura tradicional angolana de transmissão oral

Referindo-se à “literatura oral” angolana, Pepetela é peremptório:

*Em relação à literatura oral, as recolhas realizadas até agora são muito poucas e, no caso de Angola, essa tradição está-se esboroando por causa dessa guerra prolongada. As populações saem do interior, perdem os laços tradicionais e a figura daquele mais velho contador de histórias, o griot, desapareceu praticamente. Isto em termos de campo. Encontramos apenas alguns griots suburbanos, mas é uma coisa que está desaparecendo.*¹⁰⁵

No I Encontro de Escritores de Angola, realizado em Sá da Bandeira, em 1963, dizia o emérito angolófilo, Carlos Estermann, referindo-se ao futuro da literatura oral dos povos bantos angolanos, designadamente os do Sudoeste, que “[...] tal perspectiva não é muito animadora para a literatura oral nativa e isto não só na região de que nos ocupamos, mas em toda a África Negra. Num futuro mais ou menos próximo os povos deste continente vão ser privados do instrumento tradicional da sua expressão. É este o processo que está em plena evolução em toda a parte.”¹⁰⁶

Não fugiu Angola, como antiga colónia portuguesa, ao movimento cultural internacional, materializado no “grande interesse por manifestações de cultura tradicional popular”,¹⁰⁷ que pode datar-se no Romantismo e que, segundo Óscar

¹⁰⁴ B. P. Bull, 1989:186.

¹⁰⁵ Entrevista de Pepetela a E. M. de Melo e Castro, in *Público* de 1990.10.19.

¹⁰⁶ C. Estermann [1983 (II vol.):280].

¹⁰⁷ O. Lopes (1972:70). O título do capítulo é deveras sugestivo: “Estará o folclore condenado?” Óscar Lopes opina a favor da sobrevivência do folclore, como “cultura popular social”, augurando, num futuro de desenvolvimento superador da “contradição rústico-urbano”, com o consequente tempo de lazer e convivência, um “enorme surto de actividades sociais com o cunho de arte ou jogo, isto é com o cunho de *vita gratia vitae*, que é a única possibilidade real de *ars gratia artis*. [...] na medida em que a vida passe a constituir um fim superior em si mesma, em vez de, por exemplo um processo de caça ao

Lopes, “liga-se a uma ideia de uma inocência poética primitiva, de um estado originário de indiferenciação entre a psique individual e colectiva, entre os ritmos humanos e os ritmos naturais [...] dir-se-ia uma forma nova do mito do Paraíso Perdido ou da Idade do Ouro”.¹⁰⁸

Transportavam consigo os colectores da tradição oral, sem margem de dúvida, ideologias de cariz político e/ou religioso que, por vezes, senão sempre, os faziam apologistas do regime colonial vigente. Julgamos, contudo, que alguns, entre os quais se poderá incluir Héli Chatelain, se nortearam, predominantemente, por um ideário de defesa da cultura tradicional angolana e, até, pela defesa de valores pátrios e autonomistas no sentido de “fundar uma literatura africana autóctone”;¹⁰⁹ outros, como Cordeiro da Matta (1857-1894), inseriram-se na linha duma “renascença africana em Angola que antes de mais exigia a legitimação das línguas indígenas”.¹¹⁰

A recolha da literatura angolana de tradição oral acompanha de perto, embora com algum atraso, as diferentes recolhas feitas em solo africano banto. Tomando como ponto de partida o ano de 1864, inclusive, data da primeira recolha impressa de literatura tradicional angolana em geral, com a publicação de vinte provérbios por Saturnino de S. e Oliveira e Manuel A. de C. Francina, na obra *Elementos Gramaticais de Língua Ndundu*, são referidas, até essa data (1864), por Bessa Victor,¹¹¹ oito obras sobre “folclore africano”, considerando, como primeira, os *Études sur la Langue Séchuane* (1841)¹¹² de Casalis.¹¹³

Apresentamos a seguir os principais espécimes bibliográficos, referentes à recolha ou compilação da literatura de tradição oral angolana, impressa em Português,¹¹⁴ que assumiram a forma de livro ou revista, ordenados

lucro [...] o folclore entrará em renascença efectiva, e toda a grande arte será também mais popular” (*ibidem*:76-77).

¹⁰⁸ O. Lopes, 1972:70.

¹⁰⁹ R. Hamilton, 1981:53.

¹¹⁰ *Idem*, *ibidem*:53.

¹¹¹ B. Victor, 1975:15-16. O autor serve-se de alguns dados de H. Chatelain (1964:96-99).

¹¹² H. Chatelain (1964:96) menciona o ano de 1840.

¹¹³ Não é essa a opinião de I. Okpewho (1992:164): “Of all branches of African oral Literature, oral narratives have received widest attention in terms of collection and study. Work in this connection by both amateur and professional scholars goes back as far as 1828, when the Frenchman Jean-François Roger published (in Paris) a collection of Wolof tales from Senegal.” O título e a data são referidos por R. Finnigan (1970:533): *Fables sénégalaises recueillies dans l'Ouolof* (1828).

¹¹⁴ Pela importância do seu acervo, refiram-se as seguintes obras, embora não impressas em Português: *Umbundo folk tales of Angola*, de Merlin Ennis (1962) [98 narrativas e 57 provérbios, em Umbundo (Grupo Etnolinguístico Ovimbundo) e Inglês]; *Les Hanya*, de Alfred Hauenstein (1967) [15 narrativas traduzidas em Francês (Grupo Etnolinguístico Ovimbundo) (Hanha)]; *Fables et contes angolais*, de Alfred Hauenstein (1976) [112 narrativas e 3 poemas-fábulas em Francês e, alguns, em línguas bantas (Grupos Etnolinguísticos: Lunda-Quioico, Ovimbundo e Nhaneca-Humbe)].

cronologicamente pelo ano da 1.^a edição, com a indicação do número das “formas de texto” e do respectivo grupo etnolinguístico:

- Oliveira, Saturnino de S. & Francina, Manuel A. de C. (1864) [20 provérbios¹¹⁵] – Grupo etnolinguístico ambundo.
- Chatelain, Héli (1888-89) [61 provérbios; 11 adivinhas; 2 narrativas] – Grupo etnolinguístico ambundo.
- Carvalho, Henrique A. Dias de (1890) [46 narrativas; 42 provérbios; 7 adivinhas] – Grupo etnolinguístico lunda-quioco.
- Matta, J. C. Cordeiro da (1891¹¹⁶) [636 provérbios; 92 adivinhas; 17 “maka” e “manongo”¹¹⁷] – Grupo etnolinguístico ambundo.
- Chatelain, Héli (1894, ed. original, em Quimbundo e Inglês; 1964, ed. em Português e Quimbundo) [50 narrativas] – Grupo etnolinguístico ambundo.
- Araújo, Lino de (1904a;1904b)¹¹⁸ [62 provérbios¹¹⁹] – Grupo etnolinguístico : não referido (Ambundo?).
- Alves, Albino (1951¹²⁰) [2.000 provérbios] – Grupo etnolinguístico ovimbundo.
- Martins, João Vicente (1951) [157 provérbios] – Grupo etnolinguístico lunda-quioco
- Milheiros, Mário [1951 (1.^a edição); 1967] [12 canções; 9 adivinhas; 8 provérbios; 5 narrativas] – Grupos etnolinguísticos: vários.
- Cardoso, Carlos L. (1960) [94 narrativas (resumos)] – Grupos etnolinguísticos: Vários.
- Estermann, C. (1960a) [29 canções; 23 adivinhas; 19 provérbios; 12 orações (e vária); 40 narrativas] – Grupo etnolinguístico ambó.
- Estermann, C. (1960b) [35 canções; 10 adivinhas; 29 provérbios; 9 narrativas] – Grupo etnolinguístico nhaneca-humbe.
- Estermann, C. (1961) [25 provérbios; 18 canções; 15 adivinhas; 17 narrativas] – Grupo etnolinguístico herero.
- Ribas, Óscar [1961 (1.^a ed.); 1979 (2.^a ed.)] [500 provérbios; 26 narrativas] – Grupo etnolinguístico ambundo.

¹¹⁵ “Probably the first collection of angolan folklore ever published. (G. Moser & Manuel Ferreira, 1993:65). Bessa Victor (1975:20-21) considera-a a “primeira apresentação de folclore angolano em letra de forma”.

¹¹⁶ G. Moser & M. Ferreira (1993:64) indicam Lisboa como local de impressão.

¹¹⁷ G. Moser & M. Ferreira (1993:64) mencionam, quanto a nós erroneamente, “636 proverbs and 90 puzzles”.

¹¹⁸ “Extrahidos de um jornal de Loanda, *O Futuro de Angola*, n.º 90 e seguintes de 1888”. (Lino de Araújo, 1904a):263). Julgámos ser a segunda publicação mais antiga de literatura tradicional angolana, se atendermos à data de publicação no referido jornal de Luanda.

¹¹⁹ Durante quase meio século, nada de novo surge neste domínio literário.

¹²⁰ Esta obra, um dicionário, constitui a maior recolha conhecida de provérbios angolanos.

- Lambo, Gonzaga (1962) [67 canções] – Grupo etnolinguístico ovimbundo.
- Ribas, Óscar (1962) [207 “desdêns”; 33 “passatempos infantis”; 29 “vozes de animais”; (n) “psicologia dos nomes”; (n) “culinária e bebidas”; (n) “epistolário”] – Grupo etnolinguístico ambundo.
- Anônimo (1964) [31 canções] – Grupo etnolinguístico ovimbundo.
- Ribas, Óscar (1964a) [201 adivinhas; 61 “instantâneos da vida negra”; 42 canções; 19 súplicas; 3 exorcismos; 3 prantos por morte] – Grupo etnolinguístico ambundo.
- Valente, José F. (1964) [1323 provérbios; 143 adivinhas] – Grupo etnolinguístico ovimbundo.
- Hauenstein, Alfred (1965) [40 narrativas] – Grupos etnolinguísticos: ovimbundo e lunda-quioco.
- Silva, Antônio J. da (1966) [960 provérbios; 3 canções; 2 adivinhas; 1 jogo] – Grupo etnolinguístico nhaneca-humbe.
- Ribas, Óscar (1967) [13 narrativas] – Grupo etnolinguístico ambundo.
- Martins, Joaquim (1968) [1.198 provérbios] – Grupo etnolinguístico congues.
- Santos, Eduardo dos (1969) [415 provérbios] – Grupos etnolinguísticos: vários.
- Vaz, José Martins (1969) [300 provérbios] – Grupo etnolinguístico congues.
- Vaz, José Martins (1970) [569 provérbios; 110 adivinhas; 20 narrativas (“fábulas”)] – Grupo etnolinguístico congues.
- Estermann, C. & SILVA, A. J. da (1971) [50 narrativas] – Grupos etnolinguísticos: nhaneca-humbe e ambó.
- Martins, João Vicente (1971) [28 narrativas] – Grupo etnolinguístico lunda-quioco.
- Barbosa, Adriano C. (1973) [50 narrativas] – Grupo etnolinguístico lunda-quioco.
- Valente, José F. (1973) [125 narrativas] – Grupo etnolinguístico ovimbundo.
- Estermann, Carlos (1983) [55 canções; 33 narrativas; 18 provérbios; 14 adivinhas; 10 orações] – Grupos etnolinguísticos: vários.
- Barbosa, Adriano C. (1984) [500 provérbios] – Grupo etnolinguístico lunda-quioco.
- Marcelino, Rosário (1984) [13 narrativas] – Grupo etnolinguístico ambundo.
- Cacueji, J. Samuila (1987) [32 “vozes de animais; 30 adivinhas; 15 narrativas] – Grupo etnolinguístico ganguela.

- Kakueji, J. Samuila¹²¹ (1989) [25 narrativas] – Grupo etnolinguístico ganguela.
- Silva, A. J. da (1989) [1581 provérbios] – Grupo etnolinguístico nhanecahumbe.
- Barbosa, Adriano C. (1990) [300 narrativas] – Grupo etnolinguístico lunda-qioco.
- Mittelberger, Charles (1991a) [1312 provérbios; 256 adivinhas; 7 súplicas; 4 canções; 2 juramentos; 1 exorcismo] – Grupo etnolinguístico ambó.
- Mittelberger, Charles (1991b) [800 (aprox.) canções; 47 provérbios; 24 adivinhas; 15 “anedotas”; 4 “queixumes”] – Grupo etnolinguístico ambó.
- Lambo, Gonzaga (1996) [107 canções; 37 provérbios; 12 adivinhas; 11 narrativas] – Grupo etnolinguístico ovimbundo.

4. Conclusão

Poder-se-á afirmar que o acervo da literatura angolana de tradição oral, impresso em Português, é constituído, *grosso modo*,¹²² pelo seguinte número de formas de texto:

- provérbios: 11.819;
- canções: 1.199;
- adivinhas: 959;
- narrativas: 962;
- orações: 72;
- vária: 408 (motejos/“desdêns”: 207; historietas/“anedotas”: 76; “vozes de animais”: 61; passatempos/jogos infantis: 34; prantos/“queixumes”: 7; exorcismos: 4; juramentos: 2; diversos: 17.

Para um País cujo património oral ainda não foi objecto de nenhuma recolha sistemática (se a instauração da paz permitir efectuá-la, poder-se-á averiguar se a guerra/“diáspora” é causa de olvidamento e/ou de gestação de uma nova literatura de tradição oral), o número é, deveras, lisonjeiro, fazendo jus ao poeta:

*De que futuro pode haver temor
para quem tanto acumula do passado?*

Ruy Duarte de Carvalho *

¹²¹ J. Samuila KAKUEJI e J. Samuila CACUEJI (*vide, supra*) são denominações do mesmo autor.

¹²² Há que ter em conta que algumas formas de texto são similares e, mesmo, idênticas.

* Ruy D. de Carvalho, in “Fala da Rainha de Regresso ao Kimbo”, in MEC (1976:351)

Quadro n.º 2 GRUPOS ÉTNICOS DE ANGOLA

(J. V. Martins, 1993:32) [Adaptado]

(Formas de escrita)

Corrente em português	Correcta em português	Correcta em língua nativa	Corrente em português	Correcta em português	Correcta em língua nativa
POVOS BANTOS					
Grupo Conguês (Língua = kicongo) (Bakongo-Kikongo)			Grupo Ganguela (Língua = tchinganguela) (Ngangela-Tchingangela)		
1 - Maiombes	Iombes	<i>Bayombe</i>	52 - Luimbés	Luimbés	<i>Maluimbi (Valuimbi)</i>
2 - Bavis	Vilis	<i>Bavili</i>	53 - Gongueiros	Gongueiros	<i>Vangongelo</i>
3 - Bassundis	Sundis	<i>Basundi</i>	54 - Nhembas	Nhembas	<i>Vanyemba</i>
4 - Baluangs	Luangs	<i>Baluwango</i>	55 - Ganguelas	Nganguelas	<i>Vangangela</i>
5 - Balinges	Linges	<i>Balinji</i>	56 - Ambucelas	Mbucelas	<i>Vambiwela</i>
6 - Bacongos	Congos	<i>Bakongo</i>	57 - Lucnas	Lucnas	<i>Malwena (Tulwena ou Baluwale)</i>
7 - Bauios	Uuios	<i>Bauwoyo</i>	58 - Luchazes	Luchazes	<i>Balutchazi</i>
8 - Bassolongos	Solongos	<i>Basolongo</i>	59 - Bundas	Bundas	<i>Balunda</i>
9 - Baxicongos	Congos	<i>Bachikongo</i>	60 - Bacangalas	Cangalas	<i>Vakangala</i>
10 - Bazombos	Zombos	<i>Bazombo</i>	61 - Camaches	Maches	<i>Vamachi</i>
11 - Bacanos	Canos	<i>Bakano</i>	62 - Valauma	Iaumas	<i>(Akwakwando)</i>
12 - Bassossos	Sossos	<i>Basoso</i>	63 - Valuios	Luiois	<i>Vayauma</i>
13 - Maiacas	Iacas	<i>Bayaka</i>			<i>Valuyo</i>
14 - Mussucos	Sucos	<i>Basuku</i>			
Grupo Ambundo (Língua = quimbundo) (Ambundu-Kimbundu)			Grupo Herero (Língua = tchihelelo) (Helelo-Tchihelelo)		
15 - Dembos	Dembos	<i>Jindembo</i>	64 - Dimbas	Ndimbas	<i>Ovandimba</i>
16 - Maungos	Hungos	<i>Bahangu</i>	65 - Chimbas	Himbas	<i>Ovahimba</i>
17 - Calandulas	Landulas	<i>Balandula</i>	66 - Chavicus	Chavicus	<i>Ovachyavikwa</i>
18 - Ngolas	Ngolas	<i>Angola</i>	67 - Cuanhocas	Cuanhocas	<i>Ovakwanyoka</i>
19 - Gingas	Gingas	<i>Ajinga</i>	68 - Mucubais	Cuvais	<i>Ovakivale</i>
20 - Holos	Holos	<i>Aholo</i>	69 - Guendelengos	Guendelengos	<i>Ovanguendelengo</i>
21 - Bondos	Bondos	<i>Mbondo</i>			
22 - Bángalas	Mbángalas	<i>Imbangala</i>	Grupo Nhaneca-Humbe (Língua = olunianeca) (Nyanyeka-Olunyaneka)		
23 - Quissamas	Quissamas	<i>Kisama</i>	70 - Mumuilas	Muilas	<i>Ovamwila</i>
24 - Libolos	Lubolo	<i>Kisama</i>	71 - Gambos	Ngambos	<i>Ovangambwe</i>
25 - Hacos	----	----	72 - Humbles	Humbles	<i>Ovankhumbi</i>
26 - Songos	Songos	<i>Asongo (Masongo)</i>	73 - Dongoenas	Ndongoenas	<i>Ovandongwena</i>
27 - Quibalas	Quibalas	<i>Ibala</i>	74 - Hingas	Hingas	<i>Ovahinga</i>
28 - Mussendes	Sendes	----	75 - Cuâncuas	Cuâncuas	<i>Onkhwankwa</i>
Grupo Lunda-Quioico (Línguas = lunda e quioica) (Lunda-Tchokwe)			76 - Handas da Mupa	Handas da Mupa	<i>Ovahanda</i>
29 - Lundas	Lundas	<i>Tulunda</i>	77 - Handas do Quipungo	Handas do Quipungo	<i>Ovahanda</i>
30 - Quioicos	Quioicos	<i>Tutchokwe</i>	78 - Quipungos	Quipungos	<i>Ovatchipungu</i>
34 - Cacongos	Congos	<i>Tukongo</i>	79 - Quilengues-Humbes	Quilengues-Humbes	<i>Ovatchilenge-Humbi</i>
			80 - Quilengues-Musós	Quilengues-Musós	<i>Ovatchilenge-Muso</i>
35 - Camatapas	Matapas	<i>Tumatapa</i>	Grupo Ambó (Língua = tchicuanhama) (Ambo-Tchikwanyama)		
36 - Xinjes	Xinjes	<i>Maxinji (Tuxinji)</i>	81 - Evales	Vales	<i>Ovavale</i>
37 - Minungos	Minungos	<i>Tuminungu</i>	82 - Cafimas	Cafimas	<i>Ovakafima</i>
Grupo Luba (Língua = tchiluba) (Baluba-Tchiluba)			83 - Cuanhamas	Cuanhamas	<i>Ovankwanyama</i>
31 - Bena Mais	Mais	<i>Bena Mai</i>	84 - Cuamatos	Cuamatos	<i>Ovakwamatwi</i>
32 - Bena Lulus	Lulus	<i>Bena Lulua</i>	85 - Dombondolas	Dombondolas	<i>Ovadmombondola</i>
33 - Balubas	Lubas	<i>Baluba</i>			
Grupo Ovimbundo (Língua = umbundo) (Ovimbundu-Umbundu)			Grupo Xindonga		
38 - Amboins	Mboins	<i>Vambui</i>	86 - Cuangares	Cuangares	<i>Vakwangali</i>
39 - Pindas	Pindas	<i>Vapinda</i>	87 - Candundos	Ndundos	<i>Vandundo</i>
(Mupindas)	Seles	<i>Vasele</i>	88 - Cussos	Cussos	<i>Vakuso</i>
40 - Seles	Sanjis	<i>Ovisanji</i>			<i>(Mambukuso)</i>
41 - Sanjis	Bailundos	<i>Vambalundo</i>	89 - Vanhengos	Nhengos	<i>Vanyengo</i>
42 - Bailundos			90 - Diricos	Diricos	<i>Ovaditiku (Vaditiku)</i>
43 - Dombes	Dombes	<i>Vandombe</i>			
44 - Quiacas	Quiacas	<i>Vatchyaka</i>			
45 - Huambos	Huambos	<i>Vauambo</i>			
46 - Bienes	Vienos	<i>Vavyie</i>			

Quadro n.º 2 (cont.)

Corrente em português	Correcta em português	Correcta em língua nativa	Corrente em português	Correcta em português	Correcta em língua nativa
47 - Hanhas 48 - Cacondas 49 - Galangues 50 - Sambos 51 - Gandas	Hanhas Cacondas Galangues Sambos Gandas	Vaanya Vakakonda Vangalangi Vasambo Vanganda			
POVOS NÃO BANTOS					
			91 - Cuisses 92 - Cuepes 93 - Cungues (Bochima-nes)	Cuissis Cuepes Cungues	Ovakwisi Ovakwepe !kung

5. Bibliografia referenciada¹²³

AGUESSY, H. (1985) – “Tradition - orale modèle de culture”. In *COLLOQUE* (1985:44-54).

ALTUNA, Raul R. de A. (1985) – *Cultura tradicional Banto*. Luanda: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral.

ALVES, Albino (1951) – *Dicionário etimológico Bundo-Português (Ilustrado com muitos milhares de exemplos, entre os quais 2.000 provérbios indígenas)* 2 vol. Lisboa: Tipografia Silvas, Lda. e Centro Tip. Colonial, respect.

ANÓNIMO (1964) – *Canções populares de Nova Lisboa*. Lisboa: Ed. C. E. I.

ARAÚJO, Lino de (1904a) – “Adágios africanos”. *Revista Portuguesa Colonial e Marítima*, n.º 84 - 7.º ano - 20 Setembro de 1904 - 14.º vol.:263-70. (“Extrahidos de um jornal de Loanda, *O Futuro de Angola*, n.º 90 e seguintes de 1888”, p. 263).

ARAÚJO, Lino de (1904b) – “Adágios africanos”. *Revista Portuguesa Colonial e Marítima*, n.º 85 - 8.º ano - Outubro de 1904 - 15.º vol.:13-16. [(“Extrahidos de um jornal de Loanda, *O Futuro de Angola*, n.º 90 e seguintes de 1888”, in ARAÚJO, Lino de (1904a:263))].

¹²³ Obs.: A datação das obras bibliográficas corresponde à edição consultada.

- BARBOSA, Adriano C. (1973) – *Folclore angolano. Cinquenta contos quiocos (Texto bilíngue)*. Luanda: Col. Memórias e Trabalhos do Instituto de Investigação Científica de Angola (IICA) 9.
- BARBOSA, Adriano C. (1984) – *Quinhentos provérbios quiocos (texto bilíngue)*. Santo Tirso: Mosteiro de Singeverga, Ed. Ora & Labora.
- BARBOSA, Adriano C. (1989) – *Dicionário de Cokwe-Português*. Coimbra: Instituto de Antropologia, Universidade de Coimbra.
- BARBOSA, Adriano C. (1990) – *Angola imagens e mensagens contos tradicionais*. Santo Tirso: Mosteiro de Singeverga, Ed. Ora & Labora.
- BULL, Benjamim Pinto (1989) – *O crioulo da Guiné-Bissau: filosofia e sabedoria*. Lisboa: ICALP/ME/INEP.
- CACUEJI, J. Samuila (1987) – *Viximo (Oratura Luvale) contos adivinhas vozes de animais (Luvale/Português)*. Lisboa: União de Escritores Angolanos/Ed. 70.
- CARDOSO, Carlos Lopes (1960) – *I Contribuição para o estudo crítico da bibliografia do conto popular das etnias angolanas*. Luanda: Col. Memórias e Trabalhos do Instituto de Investigação Científica de Angola (Luanda), 2, 1960, pp. 13-90.
- CARVALHO, Henrique A. Dias de (1890) – *Expedição Portuguesa ao Muatiânvua, 1884-1888. Método prático para falar a língua da Lunda, contendo narrações históricas de diversos povos*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- CHATELAIN, Heli (1888/89) – *Kimbundu Grammar. Grammatica elementar do Kimbundu ou língua de Angola*. Genebra: Typ. de Charles Schuchardt.
- CHATELAIN, Héli (1964) – *Contos populares de Angola*, edição bilingue. (trad. Maria Garcia da Silva do texto original “*Folk-Tales of Angola (Fifty Tales, With Ki-mbundu Text Literal English Translation Introduction, And Notes)* Collected and edited by Heli Chatelain, Late U.S. Commercial Agent at Loanda, West Africa, Boston and New York, Published for the American Folk-Lore Society by GE. Stechert & Co., 1894”). Lisboa: Agência - Geral do Ultramar.
- COLLOQUE (1985) – *La tradition orale source de la littérature contemporaine en Afrique*. Colloque Internacional organisé par l’ICA e le PEN International avec le concours du PNUD e de l’UNESCO, à Dakar (Sénégal) du 24 au 29 Janvier 1983, Institut Culturel Africain - ICA, Les Nouvelles Éditions Africaines, Dakar - Abidjan - Lomé.

- ESTERMANN, Carlos (1960a) – *Etnografia do Sudoeste de Angola. Os povos não-Bantos e o Grupo Étnico dos Ambós*, I vol. (2.^a ed. corr.). Lisboa: J. I. U.
- ESTERMANN, Carlos (1960b) – *Etnografia do Sudoeste de Angola. Grupo Nhaneca-Humbe*, II vol., 2.^a ed. Lisboa: J. I. U.
- ESTERMANN, Carlos (1961) – *Etnografia do Sudoeste de Angola. O Grupo Étnico Herero*, III vol. Lisboa: Memória da Junta de Investigações do Ultramar, N.º 30.
- ESTERMANN, Carlos (1969) – “Prefácio”, in VAZ, J. Martins [1969 (I vol.):12].
- ESTERMANN, Carlos (1983) – *Etnografia de Angola (Sudoeste e Centro). Colectânea de artigos dispersos*, I e II vol.s. Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical.
- ESTERMANN, Carlos; SILVA, A. Joaquim da (col.) (1971) – *Cinquenta contos Bantos do Sudoeste de Angola*. Luanda: Col. Memórias (I. I. C. A).
- FINNEGAN, Ruth (1970) – *Oral literature in Africa*, London: Oxford University Press.
- FONSECA, António (1984) – *Sobre os Kikongos de Angola*. Lisboa: Ed. 70.
- GUERREIRO, M. Viegas (1966) – *Os Macondes de Moçambique 4, sabedoria língua literatura e jogos*. Lisboa: Centro de Estudos de Antropologia Cultural.
- GUERREIRO, M. Viegas (1968) – *Bochimanes !KHŨ de Angola*. Lisboa: IICA/JIU.
- HAUENSTEIN, R. G. (1981) – *Literatura africana literatura necessária*. Lisboa: Ed. 70.
- HAUENSTEIN, A. (1965) – “Provérbios, fábulas e contos dos Vimbundos e Quiocos de Angola”. *Boletim do Instituto de Angola*, N.º 21/23, Jan.-Dez. 1965:5-56. Luanda.
- HAUENSTEIN, A. (1977) – *Fables et contes angolais*. Bonn: S. Augustin, Anthropos Institut.
- JUNOD, H.-A. (1975) – *Cantos e contos dos Rongas*. Série C (Ciências Humanas) 12, da Sep. Memórias do Instituto de Investigação Científica de Moçambique, IICM.

- KAKUEJI, J. Samuila¹²⁴ (1989) – *Viximo II. Contos de oratura luvale (em Luvale e Português)*. Porto: União de Escritores Angolanos/Ed. Asa.
- LAMBO, Gonzaga (1962) – *Cancioneiro Popular Angolano (Subsídios)*. Lisboa: Ed. da C. E. I.
- LAMBO, Gonzaga (1996) – *Da criação popular angolana*. Lisboa(?): edição do autor.
- LOPES, Óscar (1972) – *Modo de ler. crítica e interpretação literária 2*. Porto: Ed. Inova.
- MAIA, António da Silva (1964) – *Dicionário complementar Português-Kimbundu-Kikongo*. Cucujães: Ed. do autor (Depositária: Ed. Missões, Cucujães).
- MARCELINO, Rosário(1984) – *Jisabhu. Contos tradicionais (Kimbundu-Português)*. Luanda: União de Escritores Angolanos.
- MARTINS, João V. (1951) – *Subsídios etnográficos para a história dos povos de Angola. Ikuma Ñi Mianda Iá Tutchokwe (Provérbios e ditos dos Quiocos)*. Lisboa: Ag. G. do Ultramar.
- MARTINS, João V. (1971) – *Museu do Dundo. Subsídios para a história, arqueologia e etnografia dos povos da Lunda - Contos Quiocos*. Lisboa: Diamang.
- MARTINS, Joaquim (1961) – “O Simbolismo entre os Pretos do distrito de Cabinda”. *Separata do Boletim do Instituto de Angola*, n.º 15, Janeiro-Dezembro.
- MARTINS, Joaquim (1968) – *Sabedoria cabinda símbolos e provérbios*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- MATTA, J. C. Cordeiro da (1891) – *Philosophia popular em provérbios angolenses*. Boston/New York.
- M. E. C. (1976) – *Poesia de Angola*. Luanda: Nova Editora Agolana.
- MILHEIROS, Mário, S. (1967) – *Notas de etnografia angolana*, 2.ª ed. (1.ª ed., 1951) corr. e aum. Luanda: Instituto de Investigação Científica de Angola.
- MITTELBERGER, Charles (1991a) – *A sabedoria do Povo Cuanhama em provérbios e adivinhas. Cunene-Angola*. Lisboa (?): Edição L. I. A. M.

¹²⁴ J. Samuila KAKUEJI e J. Samuila CACUEJI (vide, supra) são denominações do mesmo autor.

- MITTELBERGER, Charles (1991b) – *Poesia pastoril do Cuanhama. Cunene-Angola*. Lisboa (?): Edição L.I.A.M.
- MOSER, Gerald; Manuel FERREIRA (1993) – *A new bibliography of the lusophone literatures of Africa/Nova bibliografia das literaturas africanas de expressão portuguesa*, 2nd completely revised and expanded edition/2.^a edição completamente revista, refundida e actualizada. Hans Zell Publishers, London. Melbourn. Munich. New Jersey.
- NTONDO, Zavoni (1989) – “Situação actual da literatura angolana: o caso da comunidade etnocultural Kongo”. *Mensagem* 2, Festival Nacional de Cultura, Setembro 1989:35-45.
- OKPEWHO, Isidore (1992) – *African oral literature. (Backgrounds, character, and continuity)*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press.
- OLIVEIRA, Américo Correia de (1998) – *A criança na literatura angolana de transmissão oral, impressa em Português*, 2 vol., Dissertação de Doutoramento em Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- OLIVEIRA, Saturnino de S.; FRANCINA, Manuel A. de C. (1864) – *Elementos grammaticaes da Lingua Nbandu*. Luanda: Ed. Imprensa do Governo.
- REDINHA, José, P. D. (1975a) – *Distribuição étnica de Angola*, 9.^a ed. Luanda: Fundo do Turismo e Publicidade.
- REDINHA, José, P. D. (1975b) – *Etnias e culturas de Angola*. Luanda: I. I. C. A.
- RIBAS, Óscar (1962) – *Misoso - Literatura tradicional angolana*. 2.^o vol. Luanda: Tipografia Angolana.
- RIBAS, Óscar (1964a). *Misoso - Literatura tradicional angolana*. 3.^o vol. Luanda: Tipografia Angolana.
- RIBAS, Óscar (1964b). “Usos e costumes angolanos”. *Mensário Administrativo*, n.ºs 7, 8 e 9, Julho/Agosto/Setembro 1964:49-69.
- RIBAS, Óscar (1967) – *Sunguilando. Contos tradicionais angolanos*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar.
- RIBAS, Óscar (1979) – *Misoso - Literatura tradicional angolana*, 1.^o vol., 2.^a ed. (1.^a ed., 1961). Luanda: I.N. - U.E.E.

- ROSÁRIO, Lourenço J. da C. (1989) – *A narrativa africana de expressão oral (Transcrita em Português)*. Lisboa/Luanda: Col. Diálogo, Série Convergência, Co-Edição ICALP - ANGOLÊ.
- SANTOS, Eduardo dos (1969) – *Religiões de Angola*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- SILVA, António Joaquim da (1966) – *Dicionário de Português-Nhaneka*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica de Angola (IICA).
- SILVA, António Joaquim da (1989) – *Provérbios em Nyaneka*. Lisboa: Serviço da Cáritas Portuguesa.
- THISSEN, Leonardo (1960) – “Alguns elementos da literatura oral dos Basuku”. *Portugal em África*, vol. 17, n.º 99 1960:176-185.
- VALENTE, José F. (1964) – *Seleção de provérbios e adivinhas em Umbundo*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar.
- VALENTE, José Francisco (1973) – *Paisagem africana (Uma tribo angolana no seu fabulário)*. Luanda: (IICA).
- VANSINA, Jan (1966?) – *La tradición oral*. Barcelona: Editorial Labor.
- VANSINA, Jan (1982) – “A tradição oral e a sua metodologia, in KI-ZERBO, J. (dir.) (1982:157-218) *História Geral de África I. Metodologia e Pré-História de África*. S. Paulo: Ed. Ática/UNESCO.
- VAZ, José Martins (1969) – *Filosofia tradicional dos Cabindas, através dos seus textos de panela, provérbios, adivinhas e fábulas*, 1.º vol., Lisboa: Agência Geral do Ultramar.
- VAZ, José Martins (1970) – *Filosofia tradicional dos Cabindas, através dos seus textos de panela, provérbios, adivinhas e fábulas*, 2.º vol., Lisboa: Agência Geral do Ultramar.
- VICTOR, Bessa (1975) – *Ensaio crítico sobre a primeira colecção de provérbios angolanos*. Lisboa: Editorial Enciclopédia.